

UMA REVISITAÇÃO DO 25 DE ABRIL EM *OS MEMORÁVEIS* DE LÍDIA JORGE

UNA REVISITACIÓN DEL 25 DE ABRIL EN LOS MEMORABLES DE LÍDIA JORGE

A REVISITING OF APRIL 25 IN THE MEMORABLES BY LÍDIA JORGE



Maria Luísa de Castro SOARES¹

e-mail: lsoares@utad.pt



Mônica Maria Feitosa Braga GENTIL²

e-mail: monicagentil@pcs.uespi.br

Como referenciar este artigo:

SOARES, Maria Luísa de Castro; GENTIL, Mônica Maria Feitosa Braga. Uma revisitação do 25 de Abril em *Os Memoráveis* de Lídia Jorge. **Rev. de Letras**, Araraquara, v. 64, n. 00, e025014, 2025. e-ISSN: 1981-7886.



| Submetido em: 25/06/2025

| Revisões requeridas em: 15/07/2025

| Aprovado em: 05/11/2025

| Publicado em: 28/12/2025

Editora: Profa. Dra. Claudia Fernanda de Campos Mauro

¹ Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Vila Real – Portugal. Doutora em Literatura Portuguesa. Professora Associada com Agregação. Diretora do Doutoramento em Estudos Interdisciplinares da Literatura da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD). Membro honorário do MIL – Movimento Internacional Lusófono, Portugal.

² Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Teresina – PI – Brasil. Doutora em Estudos Literários. Professora e Pró-Reitora Adjunta de Ensino de Graduação (PREG) da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Dirigente do Grupo de Estudos em Literaturas de Língua Portuguesa (GELLP) da Universidade Estadual do Piauí – Brasil.

RESUMO: Este estudo propõe uma análise do romance *Os Memoráveis*, de Lídia Jorge, obra que revisita o 25 de Abril de 1974, articulando memória, desencanto e o percurso democrático português. A narrativa estrutura-se em torno de uma equipa de reportagem que entrevista nove intervenientes da revolução, identificados a partir de uma fotografia tirada no restaurante *Memories*. A autora entrelaça diferentes vozes — dos “memoráveis” e da jornalista-narradora — evidenciando como um acontecimento histórico se inscreve nas subjetividades de várias gerações. O romance situa-se num entrelugar entre a ficção e o documento, ao incorporar géneros como a entrevista e o testemunho, desafiando os limites do romance histórico tradicional. A análise, de natureza descritiva e orientada pelo método hermenêutico, visa compreender como a narrativa opera uma reescrita da história, questionando as formas de representação do passado e a relação entre memória e identidade. A obra, marcada por um olhar crítico sobre os ideais revolucionários e suas consequências, constitui-se como uma reflexão sobre a persistência da história no presente e um exercício contra o esquecimento.

PALAVRAS-CHAVE: *Os Memoráveis*. 25 de Abril. Ficção histórica. Memória. Lídia Jorge.

RESUMEN: Este estudio propone un análisis de la novela *Os Memoráveis*, de Lídia Jorge, obra que revisita el 25 de Abril de 1974, articulando memoria, desencanto y el recorrido democrático portugués. La narrativa se estructura en torno a un equipo de reportaje que entrevista a nueve protagonistas de la revolución, identificados a partir de una fotografía tomada en el restaurante *Memories*. La autora entrelaza diferentes voces —las de los “memorables” y la de la periodista-narradora—, evidenciando cómo un acontecimiento histórico se inscribe en las subjetividades de diversas generaciones. La novela se sitúa en un espacio intermedio entre la ficción y el documento, al incorporar géneros como la entrevista y el testimonio, desafiando los límites de la novela histórica tradicional. El análisis, de carácter descriptivo y orientado por el método hermenéutico, tiene como objetivo comprender cómo la narrativa opera una reescritura de la historia, cuestionando las formas de representación del pasado y la relación entre memoria e identidad. La obra, marcada por una mirada crítica sobre los ideales revolucionarios y sus consecuencias, se configura como una reflexión sobre la persistencia de la historia en el presente y un ejercicio contra el olvido.

PALABRAS CLAVE: *Os Memoráveis*. 25 de Abril. Ficción histórica. Memoria. Lídia Jorge.

ABSTRACT: This study proposes an analysis of the novel *Os Memoráveis*, by Lídia Jorge, a work that revisits April 25, 1974, articulating memory, disenchantment, and the Portuguese democratic trajectory. The narrative is structured around a reporting team that interviews nine participants in the revolution, identified through a photograph taken at the restaurant *Memories*. The author intertwines different voices—those of the “memorables” and that of the journalist-narrator—highlighting how a historical event becomes inscribed in the subjectivities of different generations. The novel occupies an intermediate space between fiction and document by incorporating genres such as the interview and testimony, thereby challenging the boundaries of the traditional historical novel. The analysis, descriptive in nature and guided by the hermeneutic method, seeks to understand how the narrative performs a rewriting of history, questioning modes of representing the past and the relationship between memory and identity. Marked by a critical perspective on revolutionary ideals and their consequences, the work stands as a reflection on the persistence of history in the present and as an exercise against forgetting.

KEYWORDS: *Os Memoráveis*. April 25. Historical fiction. Memory. Lídia Jorge.

Introdução

Temos um potencial de realização forte que acontece quando ultrapassamos a cobardia e somos livres, e assumimos a liberdade como uma expressão em voz alta (Jorge, 2014).

Na literatura contemporânea, há três coordenadas que orientam os textos sobre a visão da História: uma perspectiva apologética, uma perspectiva subversiva ou parodística e uma perspectiva de reescrita ou nova versão e interpretação. Nesta última modalidade, enquadra-se a obra *Os Memoráveis* de Lídia Jorge, que é uma ficção literária contemporânea (Hirsch, 2008) a assinalar a memória política de 25 de Abril de 1974. É um romance histórico, subgênero híbrido que combina elementos de ficção com eventos, personagens e cenários históricos reais (Lukács, 1965, p. 24; Kaufman, 1991; Marinho, 1999). Geralmente, tais romances são localizados em períodos históricos específicos e procuram recriar com precisão o contexto social, político, cultural e econômico da época ou da circunstância (Certeau, 2006). Os autores de romances históricos realizam frequentemente extensas pesquisas para assegurar a fidelidade ao contexto da época, embora também disponham de liberdade artística para criar personagens e acontecimentos fictícios dentro desse enquadramento. O objetivo principal de um romance histórico é o *delectare*, o *prazer do texto* (Barthes, 1973), o deleite dos leitores, enquanto os transporta para o passado e os mergulha numa narrativa que mistura fatos históricos com elementos de ficção (Ricoeur, 2000).

A interação entre História e Literatura remonta à Antiguidade, aos relatos míticos dos gregos. De acordo com a mitologia, Zeus e Mnemósine, o pai dos deuses e a deusa da memória, deram origem a sete filhas, as musas das artes. Entre elas, destacam-se Calíope, a musa da Literatura, e Clio, a musa da História. Portanto, conforme a narrativa mitológica, percebemos uma estreita ligação entre essas duas formas de expressão, cujo diálogo é constante. Não é de surpreender, portanto, que a História e a Literatura se entrelacem, já que, como Sandra Pesavento (2000) observa, “ambas têm a habilidade de compartilhar e interligar diferentes formas de perceber e compreender o mundo, mesmo que com métodos e objetivos distintos” (p. 7-8).

De acordo com as tendências recentes da historiografia contemporânea, faz sentido promover a intercomunicabilidade entre diferentes discursos que abordam, no seu conjunto, a complexidade da realidade. Além do discurso histórico, outros campos podem contribuir para a compreensão do que realmente ocorreu. Os historiadores atuais reconhecem a dificuldade em estabelecer uma fronteira clara entre História e ficção, pois ambas lidam com um referente

ausente – o passado, que já não existe e, portanto, não pode ser verificado diretamente – sendo compreendido apenas por meio de imagens ou palavras. Como observou Paul Ricoeur (2000), o problema da representação é uma preocupação constante para o historiador ou, nas suas próprias palavras, “é a cruz do historiador” (p. 371). Contudo, como observa Ana Paula Arnaut (2002), o historiador, no seu compromisso ético, busca evitar o arbitrarismo e, ao mesmo tempo, construir uma narrativa que reflita fielmente os eventos — uma espécie de “romance real” (p. 297). Nesse sentido, é importante ressaltar que a História não se caracteriza como ficção, seja pelos métodos empregados, seja pelos objetivos almejados (Torgal, 1998, p. 196).

O romance *Os Memoráveis* de Lídia Jorge, lançado em 2014 para marcar os 40 anos do 25 de Abril, representa a abertura à intercomunicabilidade entre história e ficção, pois tem como objetivo principal resgatar a memória de um evento histórico crucial para Portugal. Além disso, procura fomentar a crítica social por meio de uma narrativa ficcional enraizada no testemunho. Lídia Jorge dá vida a uma variedade de personagens envolvidas na Revolução de Abril, cada uma oferecendo uma perspectiva única, enquanto também incorpora a voz da geração futura, simbolizada por Ana Maria Machado e pelos seus colegas repórteres, tornando-os inelutavelmente ligados ao passado.

A narradora intradieética e personagem é, efetivamente, Ana Maria Machado, uma repórter portuguesa a viver nos Estados Unidos. No início do romance, o tempo do discurso diegético é o ano de 2004 (decorridos 30 anos do 25 de Abril), com a cidade de Washington como cenário inicial, onde Ana Maria Machado se encontra com o embaixador dos Estados Unidos em Portugal e o seu chefe, Robert Peterson. O embaixador encarrega Ana Maria de evocar as memórias da Revolução dos Cravos, solicitando que retorne ao seu país de origem para produzir um documentário para a CBS sobre o evento histórico. Inicialmente, a repórter demonstra desinteresse em voltar à sua terra natal, relutante em reviver memórias familiares dolorosas. No entanto, acaba por aceitar a missão proposta pelo embaixador, que destaca a importância do documentário e a encoraja, dizendo:

Olhe que por vezes, embora escassas vezes, a história também é um sonho agradável, e tão apaziguante pode ele ser que vale a pena uma pessoa ao acordar tentar por todos os meios guardar-lhe a imagem para que não se esvaia (Jorge, 2014, p. 13).

Neste trecho, é ressaltada a importância de resgatar a memória dos eventos históricos do 25 de Abril de 1974, que marcou o fim do regime ditatorial do Estado Novo e a instauração da democracia em Portugal.

No início do romance, a queda da neve simboliza o anseio de Ana Maria de apagar as lembranças da sua infância e a sua relutância em retornar ao país de origem, onde teria que enfrentar dolorosas recordações e reconstruir o difícil relacionamento com António Machado ou a casa paterna, “um espaço-tempo de segredo de si própria, um lugar de retiro no seu espírito, a contemplar essa relação ímpar, quase indizível e inenarrável de Ana Maria com o pai” (Pinho, 2017, p. 47) e que surge como “eclipse explícita” (Genette, 1995, p. 106) na sintagmática do romance. Contudo, ao deparar-se com o repositório de cartas testemunhais dos seus compatriotas, Ana Maria vê-se diante do nobre dever de preservar a memória de um dos eventos políticos mais importantes do seu país e de impedir que ele seja esquecido (Silva, 2023). Diante disso, não pode negar a missão que lhe foi confiada e busca então a ajuda dos seus dois amigos Margarida Lota e Miguel Ângelo, também repórteres, para cumprir o objetivo.

Ao chegar a Portugal, Ana Maria procura arquivos e fotos que possam servir de base para a sua reportagem. Durante as suas pesquisas, depara-se com uma fotografia na qual estão os seus pais e outros entusiastas da Revolução. Com a sua equipe de reportagem, ela traça um roteiro de entrevistas a nove participantes diretos do 25 de Abril, selecionados a partir dessa antiga fotografia tirada no restaurante carinhosamente apelidado: *Memories*.

No romance, as entrevistas com grande parte das pessoas retratadas na imagem, para além da realização do documentário, proporcionam uma experiência de imersão no passado e uma reconstrução dos eventos históricos do 25 de Abril para os três amigos, que nasceram todos após a Revolução. Por outro lado, as diversas entrevistas e os diferentes testemunhos proporcionam uma visão abrangente e multifacetada da Revolução de Abril, revelando um denominador comum: após 30 anos, muito do que aconteceu foi esquecido ou distorcido, devido aos interesses político-sociais da classe dominante.

O romance expõe, neste contexto, um sentimento de desencanto diante da constatação de que a Revolução não conseguiu deter a persistência da injustiça na sociedade e a continuidade da corrupção no sistema político, que serve apenas os interesses individuais dos detentores do poder.

Outra consideração unânime em todas as entrevistas é a de que a Revolução só ocorreu devido à união coletiva em prol do bem comum, e a maioria da população sentiu imensa alegria ao ver a revolução concretizar-se, como expressa, por exemplo, a personagem Tião Dolores: “Tal como para milhões de portugueses, aquele foi o dia mais feliz da minha vida” (Jorge, 2014, p. 115).

Dentro do romance, os gêneros documentais como a entrevista e o testemunho adquirem uma amplitude que vai além do âmbito pessoal, tornando-se representações das memórias históricas e testemunhos coletivos (Halbwachs, 1990; Le Goff, 1990). Por meio de personagens como o Oficial de Bronze, o segundo a ser entrevistado pelos repórteres, a narrativa dá voz aos memoráveis - indivíduos que desempenharam papéis essenciais para o sucesso da Revolução, mas que foram esquecidos pela história, devido a questões político-partidárias ou pessoais. Para o Oficial de Bronze, o “milagre” do 25 de Abril só foi possível graças à união coletiva em prol da liberdade, recusando qualquer protagonismo individual ou vontade de se afirmar como herói. Nas suas palavras:

O protagonista que em mim houve, morreu. [...] Foram todos, isto é, cinco mil. Quem assaltou a Rádio Televisão? Cinco mil. Quem dominou o Quartel-General, uma vez que não foste tu, nem ele, nem eu? Foram eles, os cinco mil (Jorge, 2014, p. 98).

O romance destaca uma multiplicidade de vozes, mas também abraça uma variedade de gêneros, incorporando elementos como a fotografia, as entrevistas, os testemunhos e as cartas, que enriquecem a compreensão do evento histórico. Além disso, certas personagens do romance são claramente inspiradas em figuras reais, como o Oficial de Bronze (inspirado em Vasco Lourenço), Charlie 8 (baseado em Salgueiro Maia) ou El Campeador (referindo-se a Otelos Saraiva de Carvalho). Deste modo, Lídia Jorge resgatou a memória do evento histórico de forma fiel e eternizou-o por meio da sua escrita, garantindo que não se perdesse com o tempo.

Embora se tenha inspirado em indivíduos e eventos reais para criar o texto, é crucial enfatizar que o romance permanece uma obra de ficção histórica e não deve ser interpretado como um documento histórico definitivo.

O Oficial de Bronze expressa-se sobre o possível apagamento da memória da Revolução dos Cravos da seguinte maneira:

[...] mantenho tudo o que se passou dentro da minha cabeça. A minha memória é uma das mais fiéis que eu conheço. Mas eu continuo a dizer que não duro para sempre. Ouçam-me antes que seja tarde. Pois o tempo passa, o tempo passa, meus amigos (Jorge, 2014, p. 93).

Na voz do Oficial de Bronze, emerge uma consciência aguda da importância do testemunho como instrumento de preservação da memória coletiva, nomeadamente no que respeita ao fim da ditadura e à emergência da liberdade e da democracia em Portugal. O seu discurso não se limita a narrar os acontecimentos: investe-se de uma dimensão ética e

pedagógica, visando garantir que esses episódios decisivos da história recente³ não se percam no esquecimento e possam ser legados às gerações futuras como advertência e inspiração. Esta função memorialística (Soares, 2024, p. 667-683) atribuída à narrativa histórica encontra eco nas próprias declarações de Lídia Jorge, expressas na entrevista concedida a Andréia Azevedo Soares e publicada no *Público*, em 2014 — ano da primeira edição de *Os Memoráveis* —, onde a autora sublinha a necessidade de manter viva a memória da Revolução de Abril, precisamente para evitar que o silêncio, a indiferença ou a distorção histórica venham a comprometer os valores democráticos conquistados.

A convergência entre a voz ficcional e a reflexão autoral reforça, assim, a dimensão cívica do romance, inscrevendo-o no campo da literatura comprometida com a memória histórica e com a construção de uma consciência coletiva esclarecida:

Não me importo que o meu livro vá numa espécie de enurrada de acontecimentos. Porque esta é uma forma de fazer uma homenagem a uma coisa que eu admiro muito, uma espécie de rasgão no tempo que aconteceu um dia, no passado. E que ainda hoje continua a ser misterioso, questionável, nós ainda vamos buscar lá uma semente de grande esperança. Eu queria espetar uma bandeira de esperança ao escrever este livro. Donde a terceira e última parte dele... [...] o *Argumento* ser uma montagem irreal [dos acontecimentos do 25 de Abril de 1974]. (Jorge, 2014, s/p).

Os eventos descritos no romance são — diz a própria autora — “uma montagem irreal dos acontecimentos” e evocam tanto os sofrimentos pessoais como os coletivos relacionados com a Revolução de Abril e com os anos que se seguiram, os quais não corresponderam às grandiosas expectativas. Ao apresentar tais fatos, a autora resgata o compromisso cívico com a promoção de um mundo melhor, uma aspiração que deve ser contínua em toda a sociedade. Além disso, a evocação do 25 de Abril como um “rasgão no tempo” — simultaneamente enigmático e portador de esperança — revela o modo como Lídia Jorge concebe a literatura enquanto espaço de reinscrição simbólica da história. A fusão entre a dimensão afetiva da recordação e a vontade de “espetar uma bandeira de esperança” inscreve *Os Memoráveis* numa tradição de literatura que não apenas representa o real, mas o reinscreve eticamente no horizonte de um futuro mais consciente.

Lídia Jorge criou este romance significativo em celebração dos 40 anos do 25 de Abril onde história e ficção se entrelaçam, levando o leitor não apenas a obter uma compreensão abrangente do contexto abordado, mas também a questionar a narrativa oficial da história e a

³ A Revolução do 25 de abril de 1974, que veio pôr fim à ditadura em Portugal, ocorreu há 51 anos. A democracia em Portugal tem meio século de história.

refletir sobre ela. Efetivamente, em *Os Memoráveis*, a autora concede voz a personagens esquecidas, cujos testemunhos desafiam a versão dominante dos acontecimentos e revelam tensões, ambiguidades e desilusões que permitem o questionamento da narrativa oficial. Exemplo disso é o discurso da viúva de Charlie 8 (Salgueiro Maia), no qual a personagem expressa a sua insatisfação e desilusão com o rumo da Revolução. Para ela, o novo regime falhou em cumprir as promessas de liberdade e de transformação estrutural, perpetuando formas de corrupção e estagnação política:

O meu marido sabia de tudo isso, mas o que ele pretendia era encostá-los à parede, demonstrar à evidência que, depois da libertação, a liberdade tinha ficado à porta. Que o novo regime, passados todos aqueles anos, continuava tão antigo quanto o antigo (Jorge, 2014, p. 250).

No extremo oposto deste desencanto surge o depoimento vibrante de personagens como Nunes, que viveram a Revolução com emoção e deslumbramento, experimentando-a como um instante único de libertação e comunhão coletiva:

Foi um momento ser par. Quando vi a tropa avançar entre lojas, e soube o que se passava, esqueci-me de tudo, e gritei – “Levem-me a mim, pessoal, arranquem-me a cabeça do corpo e façam dela uma bala...” Eu estava eufórico, olhei para o arco da Rua Augusta e achei que aquela coluna militar saía directamente das horas do relógio. A hora deles era a minha hora, como escreveu no dia seguinte o poeta Pontais. Depois andei atrás deles o resto da manhã e, toda a tarde e até à noite, assisti à descarga sobre a frontaria do Quartel do Carmo [...]. (Jorge, 2014, p. 74-75).

O testemunho de Nunes sobre as suas vivências no 25 de Abril simboliza os intensos sentimentos de alegria e de esperança amplamente compartilhados pela população naquela época. As pessoas ansiavam por participar da Revolução, vista como um ícone de liberdade e promessa de um futuro melhor. Tal como Nunes, o povo aspirava ser agente ativo da História. Neste contexto, a mesma personagem acrescenta:

Assim, aquele foi o dia mais feliz da minha vida, juro, nem quando nasceu o meu filho.
[...] Eu só desejei que acontecesse, assisti, corri atrás e bati palmas [...]
Grande emoção (Jorge, 2014, p. 75 e 79).

Ao confrontar estas vozes contrastantes — do desencanto à exaltação —, o romance propõe uma pluralidade de perspectivas sobre o 25 de Abril, recusando uma visão unívoca ou mitificada dos acontecimentos e sublinhando, em vez disso, a complexidade da memória histórica e a necessidade de a visitar criticamente.

É precisamente neste sentido que a figura de El Campeador (Otelo Saraiva de Carvalho), um dos principais estrategistas da Revolução dos Cravos, assume um papel crucial. A entrevista que concede na Praia Grande, onde se prepara para participar num filme histórico, é emblemática do espírito do romance. Ali, a personagem enfatiza a importância de dizer a verdade e de preservar a memória coletiva, apelando à consciência cívica dos leitores:

É preciso dizer as palavras certas sobre o que passou para que o povo possa salvar o que deve. O povo tem de saber, se a mentira passar sobre nós, o povo ficará mais frágil porque ficará sem o exemplo dos seus defensores, e um povo sem defensores não passa de um rebanho de gado de lã branca abandonado à mercê dos lobos. (Jorge, 2014, p. 218).

Este testemunho sublinha o cerne de *Os Memoráveis*: a urgência de resgatar a verdade histórica e de conservar a memória dos heróis — ou defensores — da liberdade, fundamentais para a construção democrática de Portugal. O romance assume, assim, uma dimensão de testemunho literário da memória histórica, posicionando-se num entrelugar entre o histórico e o ficcional em que “o testemunho é analisado como parte de uma complexa *política da memória*” (Seligmann-Silva, 2013; Seligmann-Silva, 2008, p. 65). A entrevista de El Campeador incita, efetivamente, os leitores a não esquecerem o 25 de Abril nem os seus protagonistas, muitos dos quais foram relegados ao silêncio, apesar de terem lutado incansavelmente pela preservação do genuíno espírito revolucionário.

Como observa Lúcia Pinho, a obra *Os Memoráveis* assenta precisamente na evocação e reconfiguração simbólica de um momento fundacional da história recente portuguesa. A autora sublinha que:

O eixo reside nos sentidos primordiais que enformam e se propagam a partir de um dia único – o dia 25 de Abril de 1974 em Portugal. A narrativa, convertida em fábula, devolve ao futuro uma essência de ensinamentos a não perder, redesenhando a utopia de um mundo melhor. As deformações do espaço-tempo e das próprias personagens ao longo do romance dão corpo ao questionamento permanente como princípio de uma visão caleidoscópica e livre (Pinho, 2017, p. 3).

Esta leitura acentua a dimensão simbólica do romance, o seu esforço em resgatar uma memória histórica que corre o risco de ser silenciada ou distorcida pelas forças do esquecimento, da banalização ou da reescrita ideológica. A própria estrutura narrativa de *Os Memoráveis* contribui para essa função: no quarto capítulo, as personagens de destaque emergem da fotografia original uma por uma, como se ganhassem corpo e voz a partir da imagem, para se apresentarem diante do leitor. Esta galeria de figuras divide-se simbolicamente

entre os militares — comprometidos com códigos de honra, responsabilidade e ação ética — e os civis — entre os quais se destacam um fotógrafo, um músico e dois poetas — que atribuem um valor sensível e simbólico à preservação da memória revolucionária.

O quinto capítulo, breve mas decisivo, encerra uma reflexão aberta e sintética, onde se reafirma a importância do testemunho e do não-esquecimento como imperativos do futuro.

Lídia Jorge retoma essa ideia em entrevistas que concedeu ao longo da última década, nas quais deixa claro que o romance foi pensado como uma intervenção crítica e memorialista. Em 2014, por ocasião da publicação da obra, afirmou:

Não se aguenta indefinidamente a hipocrisia. E ela está durando demasiado. Está testando a nossa resistência, a resistência da gente jovem (Jorge, 2014, n.p.).

Mais adiante, revela o seu desejo de alcançar, através da literatura, as novas gerações, mesmo que em pequena escala: “Se este livro [*Os Memoráveis*] chegar ao coração de pelo menos alguns jovens, cinco que sejam, já me dou por satisfeita” (Jorge, 2014, n.p.).

E, em 2024, quando se assinalam os cinquenta anos do 25 de Abril, a autora mantém viva a mesma inquietação crítica perante os rumos do presente, declarando ao jornal *Expresso*: “Tenho a ideia da inconsistência estrutural do mundo, da sua capacidade de regressão” (Jorge, 2024, n.p.).

Este olhar lúcido e desassombrado sobre a fragilidade dos valores democráticos (Jorge, 2023, n.p.) e sobre a possibilidade real de recuos civilizacionais devolve atualidade à função literária do romance.

Os Memoráveis não é apenas um gesto de homenagem ou celebração. É, acima de tudo, uma interpelação, uma forma de resistência ética e estética, que problematiza as derivas do tempo e insiste na necessidade de transmitir às novas gerações uma memória crítica da Revolução.

Resta, em suma, dizer que o romance de Lídia Jorge, sem descurar a sua dimensão de denúncia e crítica social, deve ser compreendido como um cruzamento entre a história e a literatura, entre o real e a ficção, entre o passado e o presente. A sua narrativa funciona como uma leitura — ou até uma reescrita — da história, movida pelo desejo de preservar o que importa, de questionar o que se instalou e de imaginar o que ainda pode ser.

Ao assinalar, em 2024, o cinquentenário do 25 de Abril, *Os Memoráveis* revela-se como uma obra que permanece no tempo e contra o tempo: “uma canção contra o destino”, “um rasgão no tempo que aconteceu um dia, no passado” (Jorge, 2014, n.p.), e, sobretudo, “um

projeto de esperança”⁴ — que insiste na possibilidade de um futuro mais justo, mais livre e mais fiel aos ideais que animaram a Revolução.

REFERÊNCIAS

- ARNAUT, A. P. **Post-modernism no romance português contemporâneo: fios de Ariadne – máscaras de Proteu**. Coimbra: Almedina, 2002.
- BARTHES, R. **Le plaisir du texte**. Paris: Seuil, 1973.
- CERTEAU, M. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 2006.
- GENETTE, G. **Discurso da narrativa**. Lisboa: Vega Universidade, 1995.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.
- HIRSCH, M. The generation of postmemory. **Poetics Today**, Durham, v. 29, n. 1, 2008. Disponível em: https://warwick.ac.uk/fac/cross_fac/ehrc/events/memory/poetics_today-2008-hirsch-103-28.pdf. Acesso em: 25 mar. 2024
- JORGE, L. “Podemos ter nascido para a morte, mas não para o sofrimento”. Entrevista concedida a Luciana LEIDERFARB. **Expresso**, 27 jan. 2024. Disponível em: <https://expresso.pt/revista/2024-01-27-Grande-entrevista-a-Lidia-Jorge-Podemos-ter-nascido-para-a-morte-mas-nao-para-o-sofrimento-ac7b9f18>. Acesso em: 24 abril 2025.
- JORGE, L. Consciência da fragilidade absoluta dos regimes democráticos. Entrevista ao jornal conduzida por Isabel LUCAS. **Público**, 30 dez. 2023. Disponível em: <https://www.publico.pt/2023/12/30/culturaipilon/entrevista/lidia-jorge-consciencia-fragilidade-absoluta-regimes-democraticos-2075247>. Acesso em: 26 abr. 2024.
- JORGE, L. **Os Memoráveis**. Alfragide: Dom Quixote, 2014.
- JORGE, L. Uma canção contra o destino. Entrevista conduzida por Andréia Azevedo SOARES. **Público–Ípsilon**, 26 mar. 2014. Disponível em: <https://www.publico.pt/2014/03/28/culturaipilon/noticia/uma-cancao-contra-o-destino-332372>. Acesso em: 26 abr. 2025.
- KAUFMAN, H. I. **Ficção histórica portuguesa do pós-revolução**. 1991. Tese (Doutorado) – Universidade de Madison-Wisconsin, Madison, 1991.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- LÍDIA Jorge escreveu sobre o 25 de Abril “como um projeto de esperança”. **Lusa/Sol**, 17 mar. 2014. Disponível em: <https://sol.sapo.pt/2014/03/17/lidia-jorge-escreveu-sobre-o-25-de-abril-como-um-projecto-de-esperanca/>. Acesso em: 23 abr. 2024.
- LUKÁCS, G. **Le roman historique**. Tradução francesa de Robert Saille. Paris: Payot, 1965.
- MARINHO, M. F. **Romance histórico em Portugal**. Porto: Campo das Letras, 1999.
- PINHO, L. M. **Sobre Os Memoráveis, de Lídia Jorge: ao encontro da luz primordial**. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2017.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2008.

RICOEUR, P. L'écriture de l'histoire et la représentation du passé. **Annales. Histoire, Sciences Sociales**, Paris, Armand Colin, n. 4, jul.-ago. 2000.

SELIGMANN-SILVA, M. **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

SELIGMANN-SILVA, M. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, 2008. p 65-82. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010356652008000100005&script=sci_arttext. Acesso em: 7 fev. 2024.

SILVA, J. M. **Identidade e memória em Lídia Jorge**. 2023. Tese (Doutorado) – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 2023.

SOARES, M. L. C. “Memorialismo”. In: **HISTÓRIA Global da Literatura Portuguesa**. Lisboa: Temas e Debates, p. 667-683, 2024.

CRediT Author Statement

- Reconhecimentos:** Não.
 - Financiamento:** Não houve.
 - Conflitos de interesse:** Não houve.
 - Aprovação ética:** Não.
 - Disponibilidade de dados e material:** Não.
 - Contribuições dos autores:** As autoras são responsáveis integralmente pelo artigo.
-

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação
Revisão, formatação, normalização e tradução

